LUIS DELGADO

JACKSON DE FIGUEIREDO

1928
Off. Graph. JORNAL DO COMMERCIO
RECIFE

Ao Horacio Saldanha,
com a minha grande e agradecida
amizade
Luis Delgado
Jan. 919

Conferencia pronunciada numa homenagem promovida por intellectuaes pernambucanos, no trigesimo dia da morte de Jackson de Figueiredo.

"Ecoute, peuple que je sais obscurement que j'ai fait et qui ne cessera plus jamais d'exister

Comment ferais-tu pour mourir quand tu sais qu'on t'a mis pour toujours la vie même à ta portée ?"

Paul Claudel

Eu vos venho fallar de Jackson de Figueiredo. Eu vos venho fallar de uma grande flamma accesa diante de nós em convicção e soffrimento, flamma que a morte não apagou e que o esquecimento tambem não ha de conseguir apagar.

Faz hoje precisamente um mez que a noticia de sua morte em inesperadas circumstancias, cahia sobre nós com o fragor subito de uma catastrophe, fazendo estremecerem todos os dominios da nossa intelligencia. O prestigio intellectual de Jackson de Figueiredo era tão grande que a nossa confiança sobre os destinos do Brasil nesta hora, sentiu-se, por um momento, abalada, como abalada se sentiria a terra si cahisse um trecho largo de sua crostra e o ar da amplitude, em contacto com o fogo interior, lhe alterasse dolorosamente todos os equilibrios.

A nós todos que acreditamos no Brasil como força moral, que julgamos que o Brasil só se pode curar dos seus males gravissimos e actuaes pela energia suprema do espirito, — foi isso que nos assoberbou: a impressão de uma ferida aberta em nosso flanco.

Leon Daudet poude comparar os homens de uma geração aos passageiros de um mesmo barco. Pois, nós sentimos, com a morte de Jackson, que o nosso barco fazia agua. Uma brecha enorme se abrira e a agua invadia tudo.

Permitti-me encaixar, senhores, nestas palavras de serenidade e justiça, uma impressão pessoal: todos os amigos, todos os admiradores de Jackson a quem eu visitei, ainda os mais afastados de suas convicções, sentiram, diante do seu cadaver, que deviam trabalhar, que deviam levantar-se para combater. A morte de Jackson foi como um toque de clarim. Justamente como na hora em que o naufragio se apresenta possivel, a energia accorda em todos e põe estremecimentos em todas as fibras do ser, — nós sentimos que a nossa geração, que as gerações crentes do Brasil deviam multiplicar seus esforços para que as forças da negação não retomassem a offensiva. E isso é um signal de que nós repousavamos confiando em Jackson. Elle era a nossa defeza mais alta, o nosso exemplo mais exemplar, o nosso capitão mais valoroso. Eu vos diria que elle era o nosso heroe, no sentido carlyleano da palavra.

HEROES

Nós temos de fazer uma revisão no sentido das palavras que Carlyle empregou. Despil-o dos seus exageros romanticos até que sua admiração pelos grandes-homens se approxime da concepção da vida que Henri Massis descreveu: "a existencia é uma historia que pode acabar bem ou mal. O ponto central de tudo é o homem na encruzilhada: que caminho elle vae escolher? Eis o que é necessario pesquizar e cada momento se torna então pathetico. O catholicismo não permitte a paz. Elle falla de uma crise eterna, de um combate incessante onde a derrota custa alguma coisa mais do que a morte."

O esquecimento desse combate intimo fez com que Carlyle encaminhasse toda a sua admiração para as pelejas exteriores, para a acção entre os homens, augmentando-lhe romanticamente o significado.

Mas isso não quer dizer que Carlyle, mesmo assim, não tenha razão maior do que os seus mediocres oppositores, do que os professores de igualitarismo a cujos olhos não existem homens de excepção. Existem apenas os que elles chamam porta-vozes de anseios geraes e são irresponsaveis instrumentos da irresponsabilidade, do anonymato das multidões.

Esquecem-se esses tristes theoristas de que, ainda quando um milhão de homens se lamenta e soffre, si no meio delles um se levanta e acha um remedio, — esse que se levantou, mesmo movido por piedade da dor alheia, mesmo instigado pelo aguilhão da sua dor individual, esse que se levantou tem a originalidade profunda de se ter levantado! Os outros não o fizeram. Os outros tiveram apenas a sensação do vasio. Esse que se levantou, foi que encheu o vasio com a sombra fecunda do seu gesto.

Ahi está a grandeza dos homens que se destacam. Ahi está a originalidade de um Jackson de Figueiredo ou de um Ernesto Psichari. E não é por acaso que eu reuno esses dois nomes.

JACKSON E PSICHARI

A Ernesto Psichari, neto de Renan, filho de descrentes, por descrentes educado, mas que, soldado de França, procurou no exercito a disciplina, na disciplina a efficiencia da acção e que, quando encarou a acção, sentiu

a necessidade de justifical-a, de explical-a pela verdade, — a Ernesto Psichari se reconhece unanimemente como o chefe da geração sacrificada.

Que geração foi essa? Elle a definiu duas vezes. A primeira quando escreveu, numa carta intima, palavras propheticas, em 1913: "nossa geração sente obscuramente que verá grandes coisas, que fará grandes coisas. Ella não será de amadores nem de scepticos. Ella não será composta de turistas despreoccupados atravez da terra." E uma segunda vez elle a definiu quando realizou a propria prophecia, morrendo na guerra, mal a guerra se iniciara, e provando assim que não eram ilhas de prazeres os campos de Charleroi e de Verdun, onde a mocidade morria.

Essa, a geração. E Psichari alcançou nella o primeiro logar porque "procurava a verdade por amor á verdade, diz Jacques Maritain. Viveu por ella e por ella morreu, jamais tendo separado o amor da Patria e o amor da Igreja. A sua morte admiravel não foi apenas uma dadiva á Patria, mas tambem um testemunho a Deus porque foi um sacrificio livremente consentido, religiosamente consumado."

Esse amor á verdade... Essa dedicação á verdade da Patria e á verdade da Igreja... Essa acceitação do sacrificio da morte... Tudo isso, meus senhores, é Ernesto Psichari ou é Jackson de Figueiredo?

E eu vos confesso que não sei separar a morte de Ernesto que tinha o rosario na mão quando uma bala o feriu na fronte, da morte de Jackson que cruzou as mãos sobre o peito quando as ondas o arrastavam. E ainda não sei em que labios brasileiros estariam melhor as supplicas da oração que murmurava, diante do deserto, o centurião francez. Psichari resava assim, antes de se converter:

"Deus do ceu, si de facto existis, vêde a miseria em que eu estou. Vêde a extrema desordem em que estou. Considerae o meu desejo de uma regra que me preserve do mal, e o meu desejo de que essa regra seja conforme á verdade, superior ás contingencias do homem. Meu coração, Senhor, procura a vossa paz, mas não a acceitará si ella fôr mentirosa. Vós comprehendeis: não é uma sombra aquillo de que eu necessito nem chimeras me consolarão porque eu quero ser um homem de realidades, num mundo de realidades".

Essa oração é o grito mesmo da tragedia humana. E' a voz simultanea do sentimento exhausto e da intelligencia incansavel, do sentimento que quer o repouso e do pensamento que quer a victoria, ambos prostrados diante das forças superiores e desconhecidas.

Pois, essa deve ter sido a oração de Jackson de Figueiredo que é o nosso Ernesto Psichari.

GERAÇÃO SACRIFICADA

Mas, para que elle representasse esse papel em nossa historia, era indispensavel que houvesse entre nós uma geração sacrificada. E nós não vertemos sangue durante quatro annos de lucta; as invenções da sciencia humana — balas, obuzes, bombas, torpedos, gazes asphyxiantes... — não se cevaram em nossa carne humana; não ficamos insepultos nos campos nem voltámos aleijados, deformados, inuteis. Que sacrificio terá sido o nosso?

Ah! nós não somos sacrificados no corpo. Foi a alma que soffreu mutilações em nós. Mutilações da intelligencia e de vontade.

Ainda não está longe o tempo em que nós dividiamos a existencia entre o sonho e a lucta pela vida. A lucta pela vida era o afan nas lides commerciaes e nos empregos publicos para ganhar dinheiro e enriquecer. Os que não se conformavam, refugiavam-se no sonho: faziam-se esthetas subtis, artistas requintados. Não era isto actividade da intelligencia, como não era aquillo esforço da vontade. A intelligencia cedera logar á imaginação, como a vontade cedera logar ao appetite.

Hoje, é curioso: não se falla mais no sonho. Ainda os puros poetas não querem mais sonhar: por certos ou por errados caminhos, andam atraz de uma realidade brasileira. E si não nos fizemos ascetas nem renunciantes, pelo menos acreditamos que a conquista do ordenado não é o unico emprego possivel para nossas forças: anda pelo paiz um ardor de proselytismo, indicando fé na actividade e na doutrinação.

Quando mais não houvesse, houve essa transformação que é evidente e equivale a um acto de fé, justamente quando os nossos mutiladores nós tinham ensinado a não crer, a não crer nem em nós mesmos. Eu já vos direi que Jackson de Figueiredo nos ensinou que deviamos crer, em que deviamos crer e como crer. Antes, deixae-me que vos aponte as deformações do scepticismo caminhando em nós.

Estamos em 1890. Tobias Barreto acaba de morrer, depois de ter investido contra o phantasma de um espiritualismo viciado e ter dito que a verdade estava na materia. A sua geração, crente na liberdade e na demo-

cracia, acaba de fazer a Republica, fiada apenas num vago idealismo. O positivismo dá ao novo regimen uns principios de ordem, não gravados no coração mas bordados na bandeira. Não se movendo nas intelligencias mas agitando-se no alto dos mastros...

O que ha de real — vê-se por ahi, — é que os homens luctam uns com os outros; nessa lucta, o mais forte vence o mais fraco; e a victoria do mais forte implica necessariamente um bem maior para a humanidade, pois esse é o effeito da evolução. E para attingil-o o mais depressa possivel nessa lucta de instinctos desenfreados, é necessario dar ao homem uma liberdade sempre crescente.

E' dentro desse systema que o pensamento brasileiro se vae mover por um largo tempo.

Ganhar dinheiro, fez-se por ganhar. Gozar a vida, fez-se por gozar. Que havia mais, além disso? E Alberto Torres tentou uma organização da actividade pratica que não nos contentava porque não attendia ao que era mais profundo e devia ser organizado em nós. E Euclydes da Cunha olhou o drama de nossa vida, sem o comprehender, sem comprehender que nós estavamos fóra do sentimento humano porque si, na lucta pela vida, vencem os mais fortes, os mais fracos não têm o direito de queixar-se. E Ruy Barbosa teimou na sua illusão de esperar que o direito salvasse o Brasil, esquecendo que o direito é um facto metaphysico e religioso, acima das leis e não é das leis que devemos partir. E Olavo Bilac gemia a sua angustia humana em Tarde, pensando que desabafal-a em belleza dispensava procurar-lhe solução e remedio.

Essas eram as altas vozes que se cruzavam. Os ou-

tros, os que não attingiam essa estatura ou esse timbre, deixavam-se viver, afundados na rotina diaria e acreditando vagamente que o nosso incessante desejo de um bem maior, seria realizado pela evolução. E devia ser uma dolorosa tragedia essa de procurar os horisontes e não ver. Procurar empregar as forças da alma e não saber em que tarefa. Mas, foi assim que nós vivemos, entre 1890 e 1920.

Eu não conheço esse tempo. A minha geração não chegou a estar só: quando ella completou vinte annos, Jackson de Figueiredo já se tinha approximado do leito de morte de Farias Brito que tinha sido a voz clamando no deserto. Jackson tinha recebido o ensinamento do grande interprete de nossas aspirações, e, como bom herdeiro, multiplicou a herança e completou-a.

Farias Britto affirmara que havia o espirito, havia o facto moral na vida do homem. Jackson concluiu a natureza desse facto moral, articulando que Deus existe e nós havemos de repousar em Seu seio a razão e o sentimento porque a Sua visão é uma "luz intellectual feita de amor" — a luz para a intelligencia, o amor para o coração. E a moralidade nossa está em nos conservarmos, tanto quanto possivel á nossa miseria, dignos dessa finalidade, mantendo lucta de todos os momentos contra as tendencias da inercia, numa realização serena da personalidade submissa aos designios eternos que regem o mundo.

Meus senhores:

Agora, nós podemos perceber o sentido enorme da licção de Jackson de Figueiredo. Elle nos arrancou da physica e nos deu coragem de compor a intelligencia sobre a metaphysica. Num universo de superficie e de peso,

elle protestou contra a horisontalidade e a quéda. Elle nos tirou do relativo e nos apontou o absoluto. Elle nos roubou ao ephemero e nos entregou ao eterno. Elle nos subtrahiu á evolução e nos postou junto ao ser.

Foi essa passagem da conformação ao relativo para a crença no absoluto, que dividiu as gerações brasileiras.

O SÊR E A EVOLUÇÃO

A noção mais ampla que se possa dar da vida moderna é a de que ella seja um campo de batalha entre dois grupos de inimigos,—como o fez George Valois: de um lado, os defensores do ser e, de outro, os legionarios da evolução.

Para os primeiros, acreditem ou não em Deus, cada ser, tudo que existe, tem um caracter definitivo. A constituição do mundo attribuiu a cada um o seu posto. E nesse posto, cada um se conserva o mesmo. Atravez de todos os seculos, o homem não deixará de ser uma criatura ansiosa de perfeição, mas fraca e pequena. Cercam-n'a todas as forças do mundo. Seu dominio sobre a natureza custa-lhe um incessante labor, um enorme sacrificio. Mas, mesmo dentro delle, não é menor a lucta: seus sentimentos melhores, suas aspirações mais puras, vivem perpetuamente entravados. E' atravez de todos os tempos que se repete e desdobra o commentario de Plutarco a Epicuro, citado, certa vez, por Jackson: "a nossa natureza é degradada e fugir ao mal é o nosso supremo bem". Isso quer dizer que o mais que podemos fazer, é fugir. E fugir para nós é uma triste condição normal.

Si o homem é assim, si o mal o assedia dessa forma, há um sentido de verdade, um sentido de necessidade indispensavel na lei moral a que elle se abriga, na disciplina social a que elle se acolhe.

Negar essa continuidade da posição humana, dizer que o homem é, dia a dia, mais perfeito e, dia a dia, são mais inuteis a lei moral e a disciplina social, além de ser um erro, é um erro nocivo pois equivale a mandar que o nosso orgulho abra as portas ás nossas paixões: na escala da perfeição necessaria, o orgulho inconscientemente nos diz que estamos no alto e devemos ser livres.

E' o erro nocivo da doutrina da evolução.

Para os doutrinarios da evolução, assim como a natureza, com os seus recursos normaes, produziu o homem, assim como a força bruta produziu a intelligencia, — a intelligencia irá ao infinito e tornará paradisiaco o mundo. Na esperança desse tempo inevitavel, nós nos devemos voltar contra o passado e recalcar, porque já somos mais perfeitos e não para que sejamos mais perfeitos, aquillo que recorda a antiga imperfeição. Isto é: acabar com Deus e a sua vigilancia eterna sobre nós porque nós é que somos deuses, deuses in-fieri, deuses a caminho da divindade e não precisamos delle para nos amar uns aos outros. Acabar com a autoridade social porque ella é uma reacção contra o mal e o mal vae por si mesmo decrescendo em nós.

A guerra de 1914 gritou a illusão da fraternidade. A questão social proclamou a mentira do amor. Mas os legionarios da evolução não entregaram as armas: é mister arrancal-as de suas mãos, de uma em uma. E' mister perseguir a evolução em todos os terrenos da actividade humana, inclusive a intelligencia: si as coisas

mudam de essencia e de caracter, o mundo vive mentindo diante de nós e a sciencia se reduziria a uma adivinhação si, por acaso, o conhecimento fosse possivel. Em todos os dominios da actividade humana, inclusive a vontade: si sobre o meu esforço individual paira a lei da evolução que me faz sempre melhor, a minha vontade é inutil sobre a terra.

Era por acreditar, consciente ou inconscientemente, na evolução, que nós nos fizemos scepticos, que nós apresentamos o triste espectaculo moral contra que começamos a reagir. No entanto, guardavamos no fundo dalma, como cristaes que se tivessem depositado dentro de um liquido, as concepções da vida que nos tinha ministrado a catechese dos jesuitas e dos franciscanos porque nós fomos criados á sombra dessas ordens religiosas, nós somos um fructo do pensamento christão-catholico do occidente, de Iberia, de Portugal.

POVO DE AMORTECIDOS

Não é que nós tivessemos, como Luthero, queimado o ensino escripto da Igreja. Não é que nós tivessemos proclamado a nossa independencia diante de Roma. Não é que tivessemos ingressado nas fileiras do scisma.

Simplesmente, nós eramos os amortecidos. Tinhamos inclinações onde era mister ter as raizes. Pensavamos que não era bom, aquillo que deveriamos publicamente reprovar.

O Brasil inteiro, catholico-apostolico-romano, espantou-se quando viu dom Vital erguer-se contra a Maçonaria que desferia contra a Igreja os seus golpes hy-

pocritas. E foi num protesto de choro, num clamor de lagrimas inoffensivas que acompanhou á prisão o maior dos seus bispos. O Brasil viu os noviciados das ordens religiosas fechados, viu os conventos desertos, viu sua arte tradicional religiosa desacreditando-se, e não protestou. Em compensação, o Brasil viu exilado o seu imperador, representante de uma dynastia que incarnava a historia de sua independencia, e não protestou. O Brasil viu, com a Republica, tres ou quatro homens de ideas desencontradas disporem do seu governo, e não protestou. O Brasil viu as suas escolas superiores cheias de desrespeitadores da fé de suas primeiras idades, e não protestou.

Parece que no coração do Brasil havia espaço para todos os soffrimentos e para todas as tolerancias. Acceitamos tudo quanto minorias aggressivas quizeram fazer comnosco e dessa humilhação que não era humildade porque era covardia, guardamos o signal: constituimo-nos um povo de amortecidos.

Não é o matuto brasileiro, o trabalhador braçal que se enquadra no symbolo de Jeca Tatú. Jecas Tatús somos nós, os cultos e os meio-cultos, os lettrados e os dirigentes deste Brasil que, hoje, começa a mudar de rumo mas ainda é fertil em professores de indifferença e de commodidade.

Eu vos citei somente exemplos das ultimas gerações mas é claro que esse estado de espirito não irrompeu em um momento. Elle é resultado de lenta elaboração. Contra o primeiro ataque directo, não reagimos porque já não amavamos as nossas convicções. Já não tinhamos confiança nellas. E isso vem de tão longe que

divide a historia de nossa gente, formulando, como em todos os agrupamentos humanos, ao lado de uma tradição do bem, uma tradição do mal. Eis ahi o motivo por que só podemos ser tradicionalistas e nacionalistas, depois de ter conseguido um criterio seguro para distinguir entre as duas tradições. Nossa primeira e principal doutrina tem de ser uma doutrina que não permitta confusões entre a Patria real e a que se falsificou.

Jackson de Figueiredo amou, mais do que qualquer outro, á sua Patria, expondo-se por ella a todos os perigos e soffrendo por ella todas as inquietações. Mas, elle a amou na luz serena da verdade.

A LUCTA COM O PASSADO

Considerava que "ha em nós um passado difficil de vencer" mas que será vencido. Não enganam as suas palavras pronunciadas em 1924: "esta hora é uma hora de combate, de affirmação na vida social e politica do paiz, de batalha decisiva para os nossos destinos, hora de vencer ou morrer. E' a hora em que o Brasil tem de se definir como nação: si, amanhã, será unicamente um vasto, immenso mercado internacional, victima das ambições mais oppostas, ou si será uma Patria na mais alta significação do termo, povo hierarchizado, governado, zeloso de suas legitimas tradições, consciente de sua fé, crente na unidade de sua consciencia".

Quem falla assim sobre a lucta em que está empenhado, acredita na victoria. Jackson, aliás, declarou mais de mil vezes que esperava ver o Brasil victorioso, nessa lucta que não era contra elle mesmo porque era apenas

contra os seus pedaços máus. E procurou, com a maior das sympathias humanas, pôr em relevo, na acção de todos os homens, na acção mesmo dos seus maiores inimigos, aquillo que representava força moral ou intellectual, instincto, herança ou consciencia, a serviço do verdadeiro Brasil. Infelizmente esse admiravel aspecto da obra de Jackson eu não posso mais do que apontal-o aqui.

O que estava mais á vista é que Jackson de Figueiredo acceitara nessa batalha uma posição extrema. Elle era o combatente mais intrepido e, por isso, o mais exposto; o mais valoroso e, por isso, o mais alvejado. Como settas, as injurias se cravaram nelle. Para manchar uma vida purissima, forjaram-se as calumnias mais infamantes. Procuravam desconcertal-o e desacreditál-o. Só fizeram erguel-o.

Nós vimos uma multidão erguer-se contra elle. Vimos até a grande figura por nós e por elle admirada e louvada, de Carlos de Laet que elle proprio dissera emulo de Eduardo Prado e de Nabuco, formar entre os seus adversarios.

Foi nessa lucta entre Carlos de Laet e Jackson de Figueiredo que nós sentimos a profundeza da vida actual no Brasil. Percebemos que duas gerações se enfrentavam e era tamanha a differença existente entre ellas que mesmo aquillo que devia ser entre ellas continuidade e ajustamento, se fazia motivo de dissenção.

Carlos de Laet, catholico que dava exemplos, inimigo das inconsistencias democraticas, servidor da Patria, crente na força da razão, — tudo isso como Jackson, ergueu a clava formidavel e os dois irmãos se reconheceram e trataram como inimigos.

E' que entre elles se levantava o tempo. Carlos de Laet era de um tempo e Jackson era de outro. A geração de Laet confiava; a de Jackson tinha a percepção tragica da vida. Para Laet, a lucta politica não passava de um encontro num circo; para Jackson, ella era um embate de homens á beira do abysmo. Para um, não se discutia nella a sorte do Brasil; para o outro, ella teria repercussões infinitas.

Agora, quando a vontade divina recolheu as duas almas, pouco depois de se terem defrontado, assume a sua discussão um sentido enorme, como si fosse a ultima, a definitiva demonstração de que um Brasil novo está para nascer, como si fosse a zona de intersecção das duas Patrias, — a de hontem e a de amanhã.

O BRASIL NOVO

Meus senhores:

Estas palavras não querem dizer, nem por sombra, que o Brasil novo é são e puro. Ninguem de bom senso o poderá dizer e Jackson nunca o disse. Para elle, aproveitando imagem sua, o que há no Brasil é um crepusculo. E' uma situação de penumbra. Mas, dentro da penumbra, agem as vontades. E são essas vontades que darão natureza a esse crepusculo, que dirão si elle é um crepusculo matutino ou si annuncia a noite.

Nem todas as vontades despertaram. Muitas dormem ainda. A maior parte dorme ainda. Outros que se levantaram, sentiram-se exhaustos e novamente adormeceram.

Mas a verdade a nosso respeito é aquella mesma

que René Guenon estabeleceu para o mundo occidental: "há quem não veja onde está o perigo ou manifeste terrores chimericos e pueris que demonstram a persistencia de muitos erros; mas, enfim, já é alguma cousa perceber-se que há um perigo, embora seja elle mais sentido do que mesmo comprehendido".

Jackson não sonhava o Brasil como um eden resurrecto. Profundamente catholico, elle sabia a absoluta verdade da palavra divina: a semente bôa ficará ao lado da ruim, até que chegue a hora da colheita. A certa altura de sua obra politica, elle gritou: "não se separaram os bons e os máus. Separaram-se os bons e os máus principios. Soou a hora da coherencia".

Essa hora da coherencia, elle queria que fosse eterna, que eternamente cada um manifestasse a sua convicção e tivesse uma convicção. E nisso se resume o admiravel individualismo de Jackson, isto é: o individualismo da Igreja Catholica, mestra suprema da disciplina.

Eu não estou dizendo contradicções. O que há de mais admiravel, do ponto de vista da natureza, na Igreja Catholica é a sua conciliação dos contrarios, não no sentido de Hegel mas num outro que parte da unidade de nossa natureza.

Certamente é essencial ao homem que se executem os designios divinos no mundo. Há uma verdade e essa verdade tem de resplandecer um dia, sobre todos os actos e sobre todas as intenções. Mas, — e o pensamento é de Pascal: Deus não nos manda fazer a verdade victoriosa, manda-nos apenas combater por ella.

Assim há uma victoria ou uma derrota individual, conforme o homem sabe ou não sabe manter a sua dignidade de combatente. E' essa noção do individuo como

unidade de lucta moral, um individualismo que não se annulla absolutamente dentro dos designios universalissimos que a Igreja procura.

Esse individualismo, chamando-se assim, Jackson o possuiu por ordem da Igreja, até o ultimo grau e isso explica o seu grande amor aos homens, o seu apostolado.

JACKSON

Falla-se do Jackson pamphletario, do Jackson luctador. Não sabe a grande maioria quem era Jackson. Não o conhece quem nunca o viu postado junto de um amigo a procurar, nos segredos de sua alma, o ponto mais vulneravel para infundir por elle a confiança e o amor. Jackson queria que, ao lado delle, todos fossem heroes e fossem grandes.

Quando errava longe da Igreja, elle se referiu ao "frio das multidões humanas". Integrado na fé, elle amou todos os homens e achou pouco: amou a todos os sêres. Vêde a pagina enternecida que elle escreveu sobre a natureza que se deixa immolar pelo homem e recompõe forças para ser fecunda de novo e novamente fazer surgirem as searas... E vêde mais esse signal extranho: pregador da intolerancia, como se disse num abuso de palavras, julgando tudo sob o criterio da Igreja, absolutista, orthodoxo, Jackson de Figueiredo nunca esboçou uma historia do nosso pensamento que não fôsse para resaltar o que de mais constructivo havia nelle...

Numa terra onde se falla de romantismo como de um absoluto mal, elle esclareceu que, favorecendo a nossa autonomia intellectual, "o romantismo não foi entre

nós tão nocivo quanto na Europa". Fez o mesmo com o symbolismo. Numa terra onde se leva ao ridiculo o positivismo, elle salientou a influencia pratica dessa doutrina de ordem, embora lhe reconhecesse os erros. A propria Escola de Recife teve delle paginas onde a justiça não velava o amor. Até as desordenadas vidas de Rimbaud e Laforgue, elle acariciou e comprehendeu.

Eis ahi o que é, meus senhores, uma singular figura de sectario...

E' que Jackson vivia na luz da verdade. Elle muito soffreu. A duvida morou no seu coração. Elle sabia o que é a tristeza da alma, a solidão sem conforto e sem fé. E elle via que, infelizmente, nem todos os homens percebem ser um feixe de forças reclamando emprego. Elle gritava que fossemos mais nobres do que somos. Elle combatia para sermos melhores.

Eis o mysterio da personalidade de Jackson, o segredo do seu fascinio sobre nós.

Elle foi um amante das almas, no sentido que a Igreja diz de seus santos.

Mas, não se limitou a amar-nos. Elle nos deixou o alto exemplo dessa vida e desse amor, porém fez mais ainda: Jackson de Figueiredo collocou sua intelligencia ao nosso serviço, propagando verdades que o Brasil nunca mais poderá esquecer.

Pela primeira vez na historia do nosso pensamento, nós vimos um homem, armado de uma só doutrina, pisar todos os terrenos, entrar em todos os dominios, empenhar-se em todas as refregas.

Começando poeta, Jackson de Figueiredo foi philosopho depois, quando sentiu que a vida exige explica-

ção racional. E viveu ensinando-o. Contra o que dissera Renan, que "a philosophia é um facto quasi despercebido na historia da humanidade", elle contapoz o ensino de Paul Bureau, de que "toda vida é a traducção em actos, de uma metaphysica consciente ou inconsciente".

Essa metaphysica elle a procurou quasi como uma necessidade ineluctavel: "o homem não conheceu primitivamente porque quizesse conhecer e jamais lhe será possivel alheiar-se de que a vida, o conjuncto de suas experiencias em relação ao facto fundamental de sentir-se viver, tem um sentido geral".

Elle nunca esqueceu, nunca amesquinhou a philosophia. Pelo contrario. Mas, quando alcançou a luz da verdade, sentiu que essa mesma luz dormia em nós: dormia porque a alma humana, já o dissera Tertuliano, a alma humana é naturalmente christã e porque a nossa educação foi catholica. O que havia mister era despertar essa philosophia. Accordar-nos e dizer que estavamos em casa paterna. Mesmo porque um grave problema se apresentou: era indispensavel impedir que os entorpecentes ministrados pelo erro, continuassem a fazer-nos dormir. E Jackson nem siquer perguntou como é que tinhamos deixado que as forças do mal nos invadissem. "Não serei eu, disse elle, quem vá examinar de perto o problema das origens do nosso mal. Elle existe, eis o que nos interessa neste momento. Existe e é preciso combatel-o. Eis o ponto de vista em que me colloco".

E Jackson deixou o terreno propriamente philosophico e foi ser "homem ainda mais de acção do que de pensamento". Isso dizia elle mas nós não devemos es-

quecer que a acção foi nelle um simples reflexo do pensamento.

Jackson de Figueiredo passava a encarar os nossos problemas praticos.

Mas um luctador só combina terreno com o inimigo quando a lucta é mentirosa. Si há inimigos realmente, elles luctam onde se encontram. Jackson luctou nos terrenos para onde o arrastaram, o litterario e o politico.

O PROBLEMA DA ARTE

Ainda assim, elle fallava de litteratura "como de um campo para outro". Definiu sua posição diante da litteratura com as seguintes palavras: "si ella traduz ordem, equilibrio interior, applaudo-a; si traduz desordem e instabilidade de consciencia, si insinua morbidos desalentos ou enthusiasmos artificiaes, combato-a como delecteria e prejudicial".

Jackson não considerava na litteratura o aspecto nem a apparencia, o que era — dizia elle — propriamente litterario. Considerava o que era a essencia humana da arte.

Meus senhores: eu não me esqueço de que estou a fazer aqui uma conferencia sem nenhum encanto. O unico relevo que toma essa minha triste prosa é o nome de Jackson de Figueiredo que nella tantas vezes se repete e a que eu procuro fazer uma pallida justiça. Não posso alongar-me muito. Não posso abordar todos os assumptos que se me apresentam, ao fallar de uma tão alta personalidade. Vou procurar dizer apenas o que é necessario para dar idéa da posição assumida por Jackson.

Elle é que tinha razão.

Realmente, si o homem tem unidade essencial, si tudo quanto elle faz, parte de uma causa unica que é elle, que é o seu espirito, — não é possivel separar a arte do destino geral desse espirito. Do mesmo modo que o artista de uma só arte, impregnando-se de suas leis, estende-as necessariamente a tudo, o homem estende a tudo que faz as leis de sua actividade de homem. O debate de Jackson cifrava-se, portanto, em dizer que a arte é humana, em rehumanizal-a.

Essa rehumanização da arte, provou Jacques Maritain que só pode ser feita dentro do mais puro rigor da doutrina thomista, da philosophia de S. Thomaz. "Querer fazer esthetica independente, diz Maritain, separal-a da philosophia e da moral, é como si uma arvore dissesse: eu quero ser puramente arvore e dar fructos. Não quero ter contactos com a terra que não é arvore nem viver num clima de Provença ou Vendea que não é um clima de arvore. Afastae-me do ar e da terra."

Era isso que evitava o thomismo, dividindo a actividade humana nos terrenos do agir e do fazer, — da acção, digamos, e da fabricação. Este ultimo, comprehendendo toda actividade productora, abrangia tanto as artes liberaes como as servis, tanto as bellas-artes como as que são apenas uteis. Subdivisões, especializações, deixando subsistir a unidade fundamental, a unidade da alma. E ahi está como S. Thomaz não isolava o artista num mundo de belleza inapprehensivel e torturante onde o tedio fosse possivel, nem isolava o operario num mundo de brutalidade e força onde fosse possivel a questão social. Os operarios criavam em belleza e construiram

as cathedraes gothicas. Os artistas criavam para o povo elevar o pensamento e dispensavam as opiniões dos criticos que nem existiam.

O esquecimento da philosophia que formulava tão profundas conciliações, suscitou um outro problema que ella resolveria — o problema politico que foi, nos ultimos annos da nobre vida de Jackson, o seu grande apostolado.

O PROBLEMA POLITICO

Meus senhores:

Vós estaes cansados, cansadissimos de ouvir elogios ás concepções juridicas de Roma e allusões desdenhosas á Idade Media, tempo de trevas, idade escura. Pois, eu vou collocar diante dos vossos olhos duas definições de lei que absolutamente se contrapõem.

Uma vem de Roma, vem do direito de Paulo e de Celso, foi formulada por Ulpiano: "aquillo que agrada ao principe, tem força de lei". Si ao principe o bem agradar, a lei é o bem; mas si ao principe fôr mais agradavel o mal, a lei é o mal. Está nos textos do Corpus-Juris. E jamais, diz Godofredo Kurth, os mais arrojados pensadores de Roma se animaram siquer a discutir esse principio.

A Idade Media deu uma outra definição pela voz de S. Thomaz de Aquino, voz que reunia o ensinamento de toda a Igreja: "lei é aquillo que a razão ordena para o beneficio geral". Já a lei não era o capricho do rei: estava subordinada á razão e subordinada ao bem commum. Vêde que a differença é enorme e embora os professores não o digam, influindo sobre a concepção de lei, influe sobre a de direito e sobre a de autoridade, de que a lei emana. São dois principios contrarios, criando dois direitos e duas politicas.

Quando o christianismo venceu o Imperio de Roma e os imperios dos barbaros, criou essa definição de lei que não era aliás uma simples theoria: estava confirmada na pratica pelas liberdades inglezas — o jury, a constituição e o parlamento, — como estava confirmada em toda a Europa catholica pelas representações funcionaes de classe. Mas, os reis quizeram ser absolutos, quizeram ser cezares e, contra o direito medieval, restauraram o direito romano.

O mundo moderno, este triste e contradictorio mundo moderno, querendo defender-se contra os absolutistas, defendeu-se de um modo original: acceitou os principios em que os absolutistas se tinham escudado e combateu aquillo que elles tinham combatido. Para o mundo moderno, é lei o que agrada á maioria. Não é o mais o capricho do principe porem é o capricho da multidão. O que há de essencial no imperialismo romano — o esquecimento da razão e do bem commum — resurge na democracia moderna.

LIBERDADE E VERDADE

Foi contra tristezas mentaes dessa ordem que Jackson de Figueiredo se levantou. Disseram delle que era absolutista, que era inimigo do povo e da liberdade. Seria mister definir todos esses termos e eu não posso fazel-o.

Jackson de Figueiredo só defendia a verdade, só atacava a mentira. O que elle combateu foi o Brasil "das mancebias politicas e dos hermaphroditismos doutrinarios". Elle visava principios e os principios da politica moderna só são fecundos em erros.

A liberdade, por exemplo, faz entre os individuos aquillo que, entre as moleculas de um corpo gazoso, faz a repulsão: afasta, dispersa, isola. Partindo-se exclusivamente da liberdade, só se chega á dissolução. Detem-se a dispersão de um gaz por meio de um recipiente contra cujas paredes se chocam as moleculas. Partindo-se da liberdade, só se consegue cohesão social por meio de um principio externo á liberdade, como o recipiente é externo ao gaz. Mas, o que é externo á liberdade, é coacção e é violencia. Por isso se diz que o liberalismo só produz tyrannias, como a reacção de um extremo contra o outro.

Para se obter ordem na sociedade, é mister procurar outro principio. Jackson de Figueiredo, não o descobrindo nas revoluções, na falsa democracia nem na soberania popular, não o via tambem nos mascaramentos, nos exageros, nos cezarismos de uma Republica que elle considerava e é "nascida da trahição e do ridiculo", com a cumplicidade de dom Pedro II.

E elle poude escrever ao concluir o seu ultimo livro de campanha politica: "os patriotas de verdadeira saude moral — e não há entre elles poucos descontentes do actual estado de coisas no Brasil, — são os que têm, com trabalho persistente e nobre resignação ás fatalidades de cada hora, resistido não só ás investidas da demagogia como aos excessos do poder". E continuou: "não

é com a violencia que se combatem os abusos do poder mas com actos de dignidade, com todas as formas da resistencia clara e serena, e, sobretudo, com exclusão de qualquer acto de subserviencia áquelles a quem ajudamos na rude tarefa de governar."

Desta forma, a actuação politica de Jackson de Figueiredo resumiu-se em defender o que era melhor contra o que era peor e em trabalhar para que aquillo que era melhor, fosse realmente bom.

E' uma licção particular enquadrando-se numa vida que foi, de principio a fim, maravilhosa, admiravel licção. Não digo licção fecunda porque a sua fecundidade depende de nós, de nossa submissão aos principios eternos que nortearam a actividade espiritual de Jackson.

Elle disse: "eu sou um homem que conscientemente abdicou do seu individualismo intellectual nas mãos da Igreja Catholica". E deante delle nós vemos como essa Igreja que exige a abdicação do individuo, restaura no individuo o valor do homem.

GRANDEZA DE JACKSON

Jackson só nos appareceu em sua maior grandeza quando fez do catholicismo uma solução para tudo. Sua grandeza provem de que elle foi o primeiro na historia da nossa cultura que se fundou sobre um systema e olhou desse alto toda a paisagem de nosso espirito e de nossa existencia. Provou que a sua doutrina não é apenas catholica, isto é, universal, no sentido de se poder estender a toda a superficie do universo mas no sentido tambem de se poder aprofundar em todo o

universo de nossa alma, abragendo tudo em nós.

Foi á sua luz que Jackson de Figueiredo, combatendo modernismos litterarios, poude ser um moderno, na mais pura accepção da palavra; dizendo-se não-litterato, poude ser um restaurador de nobreza litteraria; combatendo o desenfreiamento e a anarchia, poude ser um defensor de mais altas liberdades; defendendo o governo, poude ser um censor implacavel e um protesto incessante diante delle; atacando as paixões e os instinctos e as fraquezas que são habituaes em nós, poude ser um amigo de todos nós que nos agitamos sobre a terra, sonhando a perfeição; propagando principios universaes, poude ser um nacionalista; atacando todos os males do Brasil, poude ser o maior, o mais extremado defensor do Brasil.

E' porque elle entrava em nossas almas e dentro dellas combatia todas as forças de negação. Sua actividade teve dois polos: o individuo e a Igreja. E entre os dois pontos extremos, a linha larga da civilização que não é material e que organiza a Patria e a Familia. Toda a actividade parte do coração humano, á procura de Deus; nesse trajecto realiza as virtualidades, as possibilidades melhores do homem, tudo aquillo que é ordem e affirmação. De todas essas grandezas Jackson foi apostolo.

Si o homem tem uma finalidade, tudo aquillo que complete sua natureza, que seja de accordo com ella, que nos seja natural, só pode estar na linha recta que vae da essencia humana ao fim humano. Por isso, a sobrenaturalidade do homem é que fornece o esplendor maior de sua natureza. E parece que foi exclusivamente para

realizar esse postulado de eterna sabedoria, que Jackson de Figueiredo viveu e morreu. Viveu luctando pela verdade: para a alcançar primeiro, para a defender depois. Morreu affirmando seu amor aos homens e sua fé em Deus, diante da emboscada da morte, para provar que a suprema dignidade continuava nelle: a dignidade de nunca abdicar de sua consciencia diante do susto nem do medo.